

# VIA TEOLÓGICA

Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## O GRÃO DE MOSTARDA

*Me. José Ancelmo Santos Dantas  
Diego da Silva Santos*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# O GRÃO DE MOSTARDA

THE MUSTARD BEAN

*Me. José Ancelmo Santos Dantas<sup>1</sup>  
Diego da Silva Santos<sup>2</sup>*

---

1 Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Diretor do Curso de Teologia do Instituto São Boaventura e professor titular, membro do Grupo de Pesquisa TIAT – Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento, sob a orientação do Professor Dr. Matthias Grenzer. E-mail: ancelmodantas@gmail.com

2 Graduando em Teologia pelo Instituto São Boaventura. E-mail: frt.joaobm@gmail.com

## RESUMO

Em (Mc 4,30-32; Mt 13,31-32 e Lc 13,18-19) ouve-se ou lê-se a parábola do grão de mostarda. Ao contar essa história, Jesus de Nazaré, na condição de um bom camponês, guardou os valores recebidos pelos seus antepassados. Ele amou a terra, no sentido de solo, por isso, devotou-lhe um olhar especial. Sabia que, por meio dela, podia vir até o ser humano a alimentação necessária para sua sobrevivência. No caso de nosso estudo, o ouvinte/leitor compreenderá, como do ponto de vista bíblico, cada tradição evangélica testamentou essa pequena micronarrativa, apontando diferenças e semelhanças, levando a reflexão sob o prisma de que as escrituras são fonte de literatura. E, que, portanto, devem ser compreendidas de modo sincrônico. O aparente paradoxo entre os enunciados: “é a menor de todas as sementes que há sobre a terra” (v. 31c), mas que quando cresce: “torna-se a maior de todas as hortaliças” (v. 32b), servirá de nutriente reflexivo para quem se propõe a ler e ou a escutar a Palavra de Deus, sem dissuadi-la da realidade concreta na qual o ser humano vive.

**Palavras-chave:** Jesus de Nazaré. Parábola. Grão de mostarda. Sagradas Escrituras. Evangelhos sinóticos.

## ABSTRACT

In (Mc 4,30-32; Mt 13,31-32 and Lc 13,18-19) we hear or read the parable of the mustard seed. When telling this story, Jesus of Nazareth, as a good peasant, kept the values received by his ancestors. He loved the earth, in the sense of soil, so he gave it a special look. He knew that, through it, the food necessary for his survival could come to human beings. In the case of our study, the listener/reader will understand how, from a biblical point of view, each evangelical tradition has

demonstrated this small micro-narrative, pointing out differences and similarities, leading to reflection from the perspective that the scriptures are a source of literature. And, therefore, they must be understood synchronously. The apparent paradox between the statements: “it is the smallest of all the seeds that are on the earth” (v. 31c), but when it grows: “it becomes the largest of all vegetables” (v. 32b), it will serve of reflective nourishment for those who intend to read and/or listen to the Word of God, without dissuading them from the concrete reality in which human beings live.

**Keywords:** Jesus of Nazareth. Parable. Mustard seed. Holy scriptures. Synoptic Gospels.

## INTRODUÇÃO

Durante seu ministério público, Jesus de Nazaré, pregou sobre o Reino de Deus. Essa temática tornou-se, ao que parece, o centro da pregação dele. Muito provável que ao falar sobre o Pai, Jesus contou em torno de quarenta parábolas, nos anos de sua atividade pastoral. Inclusive, o ouvinte/leitor pode ter acesso a elas, por meio da tabela<sup>3</sup>:

Nº	Parábola	Evangelho	Citação
01	O semeador	Mc / Mt / Lc	4.3-8; 13.3-8; 8.4-8
02	O grão de mostarda	Mc / Mt / Lc	4.30-32; 13.31-32; 13.18-19
03	Os vinhateiros homicidas	Mc / Mt / Lc	12.1-9; 21.33-41; 20.9-16
04	A figueira que começa a brotar	Mc / Mt / Lc	13.28-29; 24.32-33; 21.29-31
05	Os adversários	Mt / Lc	5.25-26; 12.58-59
06	As duas casas	Mt / Lc	7.24-27; 6.47-49
07	As crianças na praça	Mt / Lc	11.16-17; 7.31-32
08	O fermento	Mt / Lc	13.33; 13.20-21
09	A ovelha perdida	Mt / Lc	18.12-13; 15.3-7
10	Os convidados para bodas	Mt / Lc	22.1-14; 14.16-24
11	O ladrão	Mt / Lc	24.43; 12.39
12	O servo bom e o mau	Mt / Lc	24.45-51; 12.42-46
13	Os talentos	Mt / Lc	25.14-30; 19.12-27
14	A semente que germina	Mc	4.26-29
15	O porteiro vigilante	Mc	13.34-36
16	O joio e o trigo	Mt	13.24-30
17	O tesouro	Mt	13.44

3 Semelhante esquema o leitor poderá encontrar em: GOURGUES, 2004, p. 13-14.

18	A pérola	Mt	13.45-46
19	A rede	Mt	13.47-48
20	O devedor	Mt	18.23-24
21	Os trabalhadores	Mt	20.1-15
22	Os dois filhos	Mt	21.28-31
23	As dez virgens	Mt	25.1-12
24	O julgamento	Mt	25.31-46
25	Os dois devedores	Lc	7.41-43
26	O bom samaritano	Lc	10.30-37
27	O amigo importuno	Lc	11.5-8
28	O rico epulão	Lc	12.16-20
29	Os servos vigilantes	Lc	12.36-38
30	A figueira estéril	Lc	13.6-9
31	A porta estreita	Lc	13.25-27
32	O construtor da torre	Lc	14.28-30
33	O rei guerreiro	Lc	14.31-32
34	A moeda perdida	Lc	15.8-10
35	O filho pródigo	Lc	15.11-32
36	O administrador infiel	Lc	16.1-18
37	O rico e Lázaro o pobre	Lc	16.19-31
38	O senhor e o servo	Lc	17.7-10
39	O juiz e a viúva	Lc	18.1-7
40	O fariseu e o publicano	Lc	18.9-14

Ao olhar atentamente a tabela pode-se depreender daí algumas conclusões: dentre as quarenta parábolas contadas por parte de Jesus aos seus interlocutores, quatro, encontram concordância tríplice, é o caso da parábola do semeador (Mc 4.3-8; Mt 13.3-8; Lc 8.4-8), do grão de mostarda (Mc 4.30-32; Mt 13.31-32; Lc 13.18-19), dos vinhateiros homicidas (Mc 12.1-9;

Mt 21.33-41; Lc 20.9-16) e da figueira (Mc 13.28-29; Mt 24.32-33; Lc 21.29-31). Isto é, tais histórias estão testamentadas nos três evangelhos sinóticos. Mais ainda: nove parábolas encontram-se somente em dois evangelhos, no caso, em Mateus e Lucas. Trata-se das parábolas: dos adversários (Mt 5.25-26; Lc 12.58-59), das duas casas (Mt 7.24-27; Lc 6.47-49), das crianças na praça (Mt 11.16-17; Lc 7.31-32), do fermento (Mt 13.33; Lc 13.20-21), da ovelha perdida (Mt 18.12-13; Lc 15.3-7), dos convidados para as bodas (Mt 22.1-14; Lc 14.16-24), do ladrão (Mt 24.43; Lc 12.39), do servo bom e mau (Mt 24.45-51; Lc 12.42-46) e dos talentos (Mt 25.14-30; Lc 19.12-27). Também nove parábolas são exclusivas da tradição mateana: a do joio e do trigo (Mt 13.24-30), do tesouro (Mt 13.44), da pérola (Mt 13.45-46), da rede (Mt 13.47-48), do devedor (Mt 18.23-24), dos trabalhadores (Mt 20.1-15), dos dois filhos (Mt 21.28-31), das dez virgens (Mt 25.1-12) e do julgamento (Mt 25.31-46). Em contrapartida, contraste simbólico é a postura da tradição marciana, ao oferecer somente duas parábolas, narradas e/ou contadas por Jesus de Nazaré: a da semente que germina (Mc 4.26-29) e a do porteiro vigilante (Mc 13.34-36). E, por fim, tem-se a tradição lucana. Esta última, no caso, apresenta dezesseis histórias ou parábolas, também contadas por Jesus: dos dois devedores (Lc 7.41-43), do bom samaritano (Lc 10.30-37), do amigo importuno (Lc 11.5-8), do rico epulão (Lc 12.16-20), dos servos vigilantes (Lc 12.36-38), da figueira estéril (Lc 13.6-9), da porta estreita (Lc 13.25-27), do construtor da torre (Lc 14.28-30), do rei guerreiro (Lc 14.31-32), da moeda perdida (Lc 15.8-10), do filho pródigo (Lc 15.11-32), do administrador infiel (Lc 16.1-18), do rico e de Lázaro o pobre (Lc 16.19-31), do senhor e do servo (Lc 17.7-10), do juiz e da viúva (Lc 18.1-7), do fariseu e publicano (Lc 18.9-14).

Quer dizer, ao falar por meio de parábolas e/ou comparações, Jesus de Nazaré, transmitia, por meio desse instrumental forte, seus ensinamentos e mensagens. Na condição de oriental utilizava os recursos da instrução, por meio de “imagens, compa-

rações e alegorias”.<sup>4</sup> Ao falar, seguindo este estilo, ao que parece, próprio de um gênio oriental, Jesus, ganhava proximidade junto aos seus interlocutores, na medida em que, por meio da linguagem parábólica, cativava a todos, evocando, assim, sentimento de pertença e adesão. Com isso, imagina-se, pois, que a parábola sobre o grão de mostarda em (Mc 4.30-32; Mt 13.31-32; Lc 13.18-19) ganhe em qualidade catequética e assim possa, de modo inaudito, explicar para o ouvinte/leitor, acerca do Reino de Deus.

## I. APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Inicialmente, seja observado que: em (Mc 4.30-32; Mt 13.31-32 e Lc 13.18-19) ouve-se ou lê-se a parábola do grão de mostarda, conforme o número 02 da tabela acima. Mas, antes de contar essa brilhante história, Jesus de Nazaré, sente necessidade de romper com os laços familiares em Marcos 3.31 e Mateus 12.46. Já em Lucas essa ruptura ocorre, ao combater a hipocrisia – fermento dos fariseus –, convidando seus discípulos à sinceridade e à conversão (Lc 12.1). Em todo caso, cada parábola contém uma mensagem central. Esta última, em geral é “retirada da vida cotidiana e replantada” de tal maneira permitindo ao ouvinte/leitor entender a “experiência básica da vida, indo além da compreensão intelectual” (WILTON, 1998, p. 1027).

Mais ainda: em Marcos 4.30-32, Mateus 13.31-32 e Lucas 13.18-19, ao que parece, a expressão para intitular a semente é a mesma: grão de mostarda. Em Marcos 4.31, diz simplesmente que: “quando é semeado na terra”. Isto é, aponta para um movimento objetivo e natural, ficando, no entanto, a pergunta: quem semeia? Já em Mateus 13.31, o objeto é plenamente definido: “que o homem tomou e semeou”. E o mesmo ocorre em Lucas 13.18: “que um homem tomou e lançou”. Mas somente Marcos 4.31 e Mateus 13.32 frisam que: “é a menor de todas as semen-

4 15º Domingo do Tempo Comum – Ano A. disponível em <https://www.dehonianos.org/porta1/15o-domingo-do-tempo-comum-ano-a0/>. acesso em 23 de outubro de 2023.



tes”, e, neste caso, Lucas silencia sobre a proporcionalidade do grão. Em contrapartida, somente Lucas 13.19 chamará a terra, o campo ou a horta, por “jardim (κῆπος)”<sup>5</sup> e nisto consiste, ao que parece, o caráter singular de sua tradição. Ficando a tradição marciana responsável como aquela que dá bastante ênfase aos inícios do grão: “é a menor de todas as sementes que há sobre a terra” (Mc 4.31); e, a tradição mateana como a que mais deu espessura ao processo final, da causa em questão: “e torna-se uma árvore” (Mt 13.32).

Quer dizer, a compreensão de tais detalhes, fomentam a força literária presente nas micronarrativas. E os possíveis reparos feitos a elas, em nada diminuem seu poder literário. Sincronicamente, vale lembrar que: cada micronarrativa, com um jeito próprio é fruto de seu contexto. E foi desse modo que, cada qual, pôde encontrar espaços literários, nas respectivas tradições.

Grego	versículo	Português
ὡς κόκκος σίναπι ὅς ὅταν	(v. 31a)	É como um grão de mostarda:
ὅταν σπαρῆ ἐπὶ τῆς γῆ	(v. 31b)	quando é semeado na terra,
μικρότερον ὄν πᾶς ὁ σπέρμα ὁ ἐπὶ ὁ γῆ	(v. 31c)	é a menor de todas as sementes que há sobre a terra.
καὶ ὅταν σπαρῆ,	(v. 32a)	Mas, quando é semeado,
ἀναβαίνει καὶ γίνεται μείζον πάντων λαχάνων	(v. 32b)	crece e torna-se a maior de todas as hortaliças
καὶ ποιεῖ κλάδους μεγάλους,	(v. 32c)	E produz longos ramos,
ὥστε δύνασθαι τὴν σκιὰν αὐτοῦ τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ κατασκηνοῦν.	(v. 32d)	de modo que sob sua sombra as aves do céu podem se aninhar.

A tabela acima, traz para o ouvinte/leitor o núcleo narrativo acerca da parábola do grão de mostarda. Esta última, no caso, foi retirada da tradição marciana. Todavia, sabe-se que ela pode

5 Termo usado cinco vezes nas tradições neotestamentárias, sendo: uma vez aqui em (Lc 13.19) e quatro vezes nas tradições do quarto evangelho: (Jo 18.1,26; 19.412x).

ser encontrada em mais duas tradições evangélicas: Mateus e Lucas. Além disso, o termo ou expressão “grão (κόκκω)” aparece em toda a escritura sete vezes: Mateus 13.31; 17.20; Marcos 4.31; Lucas 13.19; 17.6; João 12.24; 1 Coríntios 15.37. O que indica, portanto, um paralelismo e aponta para a plenitude, na poesia hebraica.

Em contrapartida, o termo “mostarda (σινάπεως)” conta com cinco presenças: Mateus 13.31; 17.20; Marcos 4.31; Lucas 13.19; 17.6). Muito provável que, Jesus de Nazaré ou contar essa história, quisesse apontar para uma justa simetria que existe entre o crescimento do Reino do Pai dele e o crescimento da semente aqui evocada. Na matemática de Pitágoras sete mais cinco são doze. E para a poesia hebraica este resultado é símbolo de totalidade.

Portanto, ao visitar, por meio de uma concordância simples, duas pequenas palavras, no caso: “grão (κόκκω)” e “mostarda (σινάπεως)”, o ouvinte/leitor, depara-se com uma sintonia perfeita. Dado este que leva ao leitor imaginar: as parábolas contadas por, Jesus de Nazaré, são, de fato, poesia! Facilmente, há quem enquadre tematicamente as quarenta parábolas contadas e ensinada por Jesus de Nazaré. No caso, a parábola do grão de mostarda, objeto de nosso estudo, foi classificada pelo exegeta Dodd como “parábola do crescimento” (DODD, 1935, p. 131) e por Dominic John como “parábolas do advento” (CROSSAN, 2012, p. 9).

## 2. O GRÃO<sup>6</sup> DE MOSTARDA<sup>7</sup>



Figura 1 - <https://br.pinterest.com/pin/357895501642116868/>.

A narrativa bíblica é clara e incisiva: “é a menor de todas as sementes que há sobre a terra” (Mc 4.31c); assim sendo, a grandiosidade dessa semente, ao se tornar planta, não se dá pelo crescimento vertical dela. Mas por ser “a maior entre todas as hortaliças” (v. 32b) e por “produzir longos ramos” (v. 32c). Muito provável que, Jesus de Nazaré, ao contar essa parábola, tenha encontrado o fundamento dela em Ezequiel 17.23 ao afirmar que: “No elevado monte de Israel a transportarei, ela produzirá galhos, dará frutos e será um cedro potente. Nele se aninharão todos os pássaros, todas as aves; à sombra de sua folhagem se aninharão” (REID, 2001).

200

- 6 O termo grão, em princípio refere-se somente ao grão de mostarda, conforme foi visto. No entanto, em João 12.24, Jesus fala sobre o grão de trigo. Este dado literário foi também observado por: PERTILE, C. Alberto. “Grão e pão. O saber camponês de Jesus de Nazaré”. Tese defendida em razão da obtenção do título de Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP, p. 24.
- 7 Na obra: *O evangelho redutivo - Livro III. Estudo interpretativo do evangelho segundo Marcos*. Organização -Coordenação Marta Antunes Moura. FEB, 2021, p. 98, é dito que “a mostarda é um vegetal da família das couves, cujas sementes e folhas são utilizadas como alimento. As sementes de mostarda são utilizadas pela medicina chinesa, por serem fonte de cálcio, ferro, magnésio, fósforo, potássio, zinco, manganês e selênio – elementos minerais necessários à subsistência humana –, bem como das vitaminas, A e C, igualmente essenciais para o metabolismo corporal”.

Imagina-se, com isso que, a beleza ou o esplendor dessa semente, encontre-se no fato de uma vez, tendo se tornado planta, seja visível em sua horizontalidade e, portanto, tenha espaços para ser habitat de “pássaros do céu” (v. 32d). Porém, o trabalho que o Senhor, Deus de Israel fará, em Ezequiel 17.23 teve como paradigma ou moldura o cedro importado. O que indica nobreza e riqueza. No caso do grão de mostarda, trata-se de algo que facilmente pode ser encontrado.

Por ser de estrutura muito pequena, a semente de mostarda, não “podia ser dividida em dois pedaços como as demais sementes” (KOPLITZ, 2023, p. 14). Isso significava que toda e qualquer ruptura, ainda que no início, destruiria a vitalidade apresentada naquela insignificante semente. Fato é: de “tamanho arredondado” e na condição de planta com “arbustos que cresciam selvagens como ervas daninhas”, acreditava-se, por isso, que os “agricultores” da “Judeia” e da “Galileia” evitavam plantá-la. Intragável ao paladar, a semente de mostarda, era, “picante” e “autoritária” (KOPLITZ, 2023, p. 13-15), de um lado. Entretanto, de outro lado, Jesus de Nazaré, na condição de continuador das tradições de seu povo, imagina a terra, no sentido de solo, como um dos mais importantes “fatores de produção, quer dada a extraordinária fertilidade do solo da Galileia, quer ao intensivo uso agrícola de todo o Israel” (PERTILE, p. 17).

O Reino de Deus, embora, já anunciado no Antigo Testamento, por meio dos profetas, ganha evidência com o início do ministério público de Jesus de Nazaré. A imagem aqui usada – grão de mostarda –, torna-se trampolim catequético, de um lado, e instrumental simbólico, de outro. Afinal de contas, quem, nesta perspectiva, é o grão de mostarda? Jesus de Nazaré. Este, no caso, foi desacreditado nos seus inícios: “não é esse o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão? E não estão suas irmãs aqui junto a nós? E escandalizavam-se por causa dele” (Mc 6.3). Certamente, um movimento encabeçado por um carpinteiro tinha prazo de durabilidade! De fato,

imagina-se que à época muitos pensavam “este movimento não é capaz de abalar as estruturas do mundo de então, e, vencer seus limites” (CUNHA, 2023, p. 1). Ou seja, nos inícios, pequeno era Jesus, a família dele, e pequenos foram os escolhidos e/ou chamados<sup>8</sup> por ele, a fim de encabeçar a missão de anunciar o Reino de seu Pai. Mas, ainda que pensada em clave pequena, a atividade desenvolvida por Jesus, uma vez imaginada, enquanto “autobasileia”, será “grande no final” (SANTOS, 2020, p. 14).

Em suma, a parábola do grão de mostarda (Mc 4.31-33) pretende pedir aos interlocutores de Jesus de Nazaré, “paciência”. Dado o nível de insatisfação deles, ao olharem a “pessoa” e a “ação do mestre”, não se via nenhum sinal de “poder” e de “glória”. Tudo era “fracasso, pequenez, insignificância” (SANTOS, 2020, p. 15). Todavia, o uso dessa metáfora também pretende dizer aos interlocutores apressados e dados ao poder, que: “o ser humano não precisa realizar grandes ações para ter acesso ao Reino de Deus. Pequenas, se feitas com afinco e alegria, podem ser revestidas do poder transformador” (MOURA, 2021, p. 100).

8 Em Lucas 6.12-19 tem-se um relato sobre a eleição dos doze. Ao aproximar-se de cada personagem nesta perícopa, o ouvinte/leitor, pode minimamente colher o seguinte: 2 Simões, sendo um, Simão Pedro – o impetuoso e o outro, Simão, o revolucionário; Mateus – o cobrador de impostos; Tiago e João – de temperamento forte; Judas Iscariotes, o avarento; Tomé – o incrédulo... e etc. Isto é, nos inícios, pequeno era Jesus, os membros de família dele e o grupo que ele escolheu.

### 3. A HORTALIÇA



Figura 2 - imagem gerada por I.A.

O ouvinte/leitor atento à tradição do evangelho de Marcos ao ouvir ou ler: “mas, quando é semeado (καὶ ὅταν σπαρῆ)” (v. 32a), e continua: “cresce e torna-se a maior de todas as hortaliças (ἀναβαίνει καὶ γίνεται μείζον πάντων λαχάνων)” (v. 32b). Intui mais este pormenor presente em (v. 32b) a “maior entre todas as hortaliças”. De algum modo este mesmo esquema, poderá ser percebido em Mateus 13.32, exceto na tradição lucana. Com a expressão “cresce e torna-se a maior de todas as hortaliças (ἀναβαίνει καὶ γίνεται μείζον πάντων λαχάνων)” (v. 32b), entende-se, em geral, o surgimento de “um arbusto frondoso” (MOURA, 2021, p. 100) que, no ver de uns estudiosos acreditava chegar à altura de 3 a 5 metros, outros, no entanto, imaginavam que não passasse de apenas 1 metro de altura. Em todo caso, o que essa hortaliça de acordo com Marcos 4.32 e Mateus 23.32, e/ou árvore em Lucas 13.19, não cresce para cima, o faz para os lados: “de modo que sob sua sombra as aves do céu podem se ani-

nhar (ὥστε δύνασθαι τὴν σκιάν αὐτοῦ τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ κατασκηνοῦν)” (v. 32d). Com isso, imagina-se que, essa mensagem dirigida, uma vez por parte de Jesus de Nazaré, aos “camponeses”, “pescadores” e “trabalhadores” (BUDISELIC, 2010, p. 46) todos, em geral, “pobres”, pudessem fazê-los compreender que o Reino parte da realidade concreta de cada ser humano e, que, portanto, ao usar a linguagem parabólica, há uma profunda conexão entre, quem fala e quem ouve a mensagem.

Ademais, o uso da imagem da hortaliça (Mc 4.32 e Mt 23.32) e/ou árvore (Lc 13.19), aponta também para a universalidade do reino. Este último acolhe a todos, não fazendo distinção ou segregação de ninguém. Se uma hortaliça frondosa é capaz de atrair diversas espécies de aves, o reino pregado por Jesus de Nazaré, distingue-se por sua capacidade de exercer, frente aos interlocutores, seu lado materno de ser. A exemplo da parábola do fermento (Mt 13, 33 e Lc 13,20) os inícios de cada fato pertencem sempre aos seus determinados receptores, a saber: no caso de nosso estudo – ao ambiente agrário –; já no segundo caso – a uma mulher na cozinha de casa –. Seja como for: ambos os quadros, além de precisar um público bem definido, se definem, nos inícios de cada jornada, pela pequenez, fragilidade e pobreza. Mas, tanto o grão de mostarda (Mc 4.31-33) quanto o fermento na massa (Lc 13.20) discretos nos inícios, ganham volume e espessura em seu fim.

Muito provável que o uso desses ambientes ou imagens sirva para provocar no ouvinte/leitor questionamentos: O reino, afinal de contas, é o grão em si mesmo? É o homem que o semeou? É a terra, no sentido de solo, que o acolheu? Ou ainda são os pássaros que foram acolhidos nos ramos da hortaliça? O reino, iniciado, a modo de germen, no Antigo Testamento, ganha espessura e plenitude no Novo com Jesus de Nazaré. Este último, na condição de Filho de Deus é o portador, por excelência do Reino. O Reino é, portanto, a presença do próprio Deus. No entanto, a natureza por Deus criada, ajuda ao ser humano a visibi-

lizar o reino, por ser um instrumental divino e perene do Criador. Neste sentido: o grão de mostarda, a terra, a hortaliça frondosa e os pássaros, ganham simbolicamente, toque de divino, já que, cada qual, foi criado pelo Senhor que é Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição sinótica presente nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, nos possibilitou a compreender que: muito provavelmente, Jesus de Nazaré, contou quarenta parábolas. Entre estas, merece destaque e maior proximidade a parábola do grão de mostarda (Mc 4.30-32; Mt 13.31-32 e Lc 13.18-19). O ouvinte/leitor ao se aproximar destas pequenas micronarrativas, compreenderá que: em cada cenário deste, tudo se torna pequeno, escasso e frágil. De imediato, há um crescente paradoxo, pois, nos inícios “é a menor de todas as sementes que há sobre a terra (μικρότερον ὄν πᾶς ὁ σπέρμα ὁ ἐπί ὀ γῆ)” (v. 31c), mas basta ter paciência, e esse grão, “quando semeado (ὅταν σπαρῆ)” (v. 32a), “cresce e torna-se a maior de todas as hortaliças (ἀναβαίνει καὶ γίνεται μεῖζον πάντων λαχάνων)” (v. 32b). Pequeno nos inícios fora Jesus de Nazaré, a família dele e o grupo de homens que ele escolheu. No entanto, Jesus cresceu em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens (Lc 2.52). Hoje, praticamente, os quatro cantos da terra o têm como Filho de Deus, Senhor e Salvador da humanidade. Olhá-Lo constitui, ainda a única via que os cristãos possuem como garantia para o sucesso pastoral em suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

**15º Domingo do Tempo Comum – Ano A.** disponível em <https://www.dehonianos.org/portal/15o-domingo-do-tempo-comum-ano-a0/> . acesso em 23 de outubro de 2023.



BUDISELIC, Ervin. Critical Reflection on the Parables of the Leaven and Mustard Seed as, Foundational for Postmillennialist Eschatology. **KAIRÓS Evangelical Journal of Theology**, v. 4, n. 1, 2010.

CROSSAN, John Dominic. **The Power of the Parable: how fiction by Jesus became fiction about Jesus**. US: HarperOne, 2012.

CUNHA, G. P. da. **A parábola do grão de mostarda**. Disponível em <https://www.semeandovida.org/2012/05/as-parabolas-de-jesus.html>. Acesso em 30/10/23.

DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. London: Nisbet, 1935.

ECK, E. van. When kingdoms are kingdoms no more: a social-scientific reading of the Mustard Seed (Lk 13:18-19). **Acta Theologica** - 2013 33 (2): disponível em <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v33i2.13>. Acesso em 23 de outubro de 2023.

GOURGUES, Michel. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus: das origens à atualidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

KOPLITZ, Michael. **Hebraic Analysis of Mark 4:30-32**. See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/349142204>. Acesso em 23 de outubro de 2023.

**O evangelho redivivo** - Livro III. Estudo interpretativo do evangelho segundo Marcos. Organização e Coordenação Marta Antunes Moura. FEB, 2021.

PERTILE, C. Alberto. **Grão e pão. O saber camponês de Jesus de Nazaré**. Tese defendida em razão da obtenção do título de Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP.

REID, B. E. **Parables for preachers: The gospel of Matthew.** Collegeville: The Liturgical.

SANTOS, C. A. dos. As parábolas do discurso parabólico de Mateus 13. **Annales FAJE**, Belo Horizonte-MG, Vol. 1, N° 1, 2020.

WILTON, M. Nelson. **Nuevo Diccionario Ilustrado De La Biblia.** Grupo Nelson, 1998.